ANO 12.º — Sabado, 1 de Novembro de 1919 — Numero 595

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional* R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

NOTA POLITICA

—(*)—

Realisou-se em Lisboa o anunciado congresso do partido democratico, onde de muita coisa se tratou e muita coisa se disse, prevalecendo, no entanto, devido aos esforços e ao patriotismo de um grupo de bons portuguêses e não menos bons republicanos, o espirito tolerante que a hora presente aconselha, isto sem deixar, é claro, de atender á defêsa da Republica, no que todos estâmos de acôrdo sem que para tal seja necessario apresentar bilhete de identidade.

Como acima de tudo vemos os interesses do país e o bom nome do regimen, folgamos que assim tivesse sucedido de fórma a que, sem sectarismos, sem paixões desvairadas, sem violencias e orientado superiormente em harmonica identificação com as instituições e com a nação, o partido democratico assinale a sua existencia por fórma a não mais se repetirem as vergonhas a que temos assistido, os escandalos que tão mal vistos teem sido dum extremo ao outro do país.

E' indispensavel que os partidos politicos entrem, definitivamente, num caminho de organisação e de cordura, que ponha termo a esta barafunda em que vivemos e acabe de vez com os perturbadores do socêgo, com os profissionais da desordem.

A fusão dos partidos unionista e evolucionista, acrescida agora com a adesão do centrismo, afigura-se-nos duma grande e superior vantagem para os interesses colectivos do país, para a marcha triunfante da Republica, surgida, como uma esperança, na manhã radiosa de 5 de Outubro de 1910. O que resta, pois? Que o partido democratico, orientada a sua acção futura pelas lições recebidas, se apresente definitivamente em condições de conquistar a simpatia publica, provando que é um partido de ordem e que não pactua nem pactuará jámais com arruaceiros, venham eles donde vierem, surjam donde surgir.

Nem com arruaceiros nem com imoralões, porque se uns são inconvenientes os outros afiguram-se-nos incompativeis com um regimen, cujos alicerces teem por base a honra dos que desinteressadamente o servem.

Films...

Subindo

Juntamente com o sr. Afonso Costa, que os democraticos persistem em conservar á frente do partido, não obstante os desejos manifestados em contrario pelo ilustre estadista, foi eleito membro do Directorio pelos assistentes ao congresso de Lisboa, o sr. Barbosa de Magalhães.

Sóbe, como se vê, e cada vez mais, no conceito dos correligionarios, o antigo monarquico, cujos processos politicos ainda não mudaram, apesar de se dizer *convicto republicano*.

Pois que suba, que quanto maior fôr a altura atingida, mais nós nos distanciâmos da imoralidade.

Edificante

Numa das sessões do mencionado congresso houve um orador, velho republicano e livre pensador, a quem parte da assembleia pateou ferozmente.

Eis como se deu o caso: Tratava-se da supressão da legação do Vaticano quando o referido republicano no uso da palavra exclama:

— Eu sou partidario da legação no Vaticano, apezar de pertencer á Associação do Registo Civil.

O que tu foste dizer! Os correligionarios do snr. Barbosa de Magalhães encolerisam-se, pateiam e por um largo espaço de tempo o barulho é ensurdecedor, ninguem se entendendo. De mistura, os ápartes cruzam-se, e, então, por entre a vozeria intolerante dos *Marianos & C.ª*, ouve-se:

— Ordem! Deixem ouvir este latim!

— Deu a hora! Vá para a missa!

— O' seu fiscal de igreja, vá benzer os santinhos!

Está claro que o orador, assim corrido e vaiado, não poude continuar as suas considerações. Calou-se e sentou-se. De maneira que, para dar ali mesmo um exemplo vivo da sua educação, nem sequer quando o mandaram á missa se encorajou a mandar os seus interlocutores a outra parte...

Era o que eles precisavam, já que tanto se comprazem em comprometer a Republica com o seu radicalismo estupido.

TEOFILO BRAGA

—0—

Uma noticia triste vem de comover todos aqueles que prestam culto ao eminente republicano e uma das primeiras intelectualidades do nosso país: Teofilo Braga cegou!

Mergulhado nas trévas da noite, a mesma noite que fez acordar no espirito de Camilo a ideia do suicidio, que, por fim, levou á pratica, sômos dos que, com profunda mágua, lamentam a infelicidade que ora atinguiu, quasi no resto da sua existencia, esse extraordinario genio, bem digno de que outra estrela, que não a do infortunio, lhe iluminasse o ultimo quartel da vida, ele que á sua Patria tanto deu e em beneficio da tanto produziu, a ponto de ter sido elevado á suprema magistratura da nação, tornando-se, não só por isso, mas pelas suas obras literarias e scientificas, universalmente conhecido, profundamente admirado em todas as academias onde se acolhem as mais autenticas celebridades.

Pobre Teofilo! Como lhe deve ser amargo e triste o viver daqui por deante!

Uma execução

Lenoir, que fôra condenado á morte em 8 de maio, pagou já com a vida o seu crime de alta traição á França, sendo executado em Vincennes pelas 7 horas e 15 minutos do dia 24, apesar de paralitico.

Se fôsse cá...

Ora, se fôsse cá, tinham no feito, pelo menos, ministro dos Estrangeiros...

DACTILOGRAFIA

Segundo consta, está aberto um curso de dactilografia, que funciona numa das salas da Câmara Municipal, fornecedora das maquinas de aprendizagem e possivelmente responsavel pelas avarias que estas sofrerem durante o trabalho, visto tudo correr gratuitamente por conta da mesma Câmara. Quer dizer: quem paga é o velho e dedicado patriota conhecido pelo *sobriquet* de—*Zé Povinho*.

Os srs. vereadores ordenadores saberão disto?...

A QUESTÃO DAS SUBSISTENCIAS

—(*)—

Autoridades que cumprem e outras que não cumprem os seus deveres

—(*)—

O sr. Governador Civil d'Aveiro

Transmitem dos Açores:

Ponta Delgada, 15—Na noite de ontem houve aqui uma grandiosa manifestação de simpatia ao governador civil, dr. Virgilio Saque, pela sua energica atitude na questão das subsistencias publicas, sendo vitoriadissimo tambem o governo.

Pois emquanto isto sucede pelos Açores, emquanto lá o governador civil, naturalmente secundado pelas outras autoridades, defende o povo flagelado e roubado por o açambarcador, bandido da peor especie, entre nós a exploração, o roubo descarado atinge as mais indignas proporções, sem que ninguem, **absolutamente ninguem,** se importe com isso.

Mas se ámanhã o povo, cançado e revoltado, se amotinar e fôr pedir á cabeça dos conhecidos ladrões que o roubam, o snr. governador civil, o snr. comissario de policia, todos os dedicados funcionarios do Estado, hão de, presurosos, demorar-se dia e noite nas suas repartições, com aquela dedicação ha muito reconhecida, pedindo para o comando militar, força, muita força, muita baioneta, espingardas, espadas para meter na ordem o povo, que teve a audacia de protestar tumultuariamente, depois de —já lá vão 5 anos!—pedir dentro da lei a protecção que lhe é devida, a fiscalisação que cabe áqueles que recebem fabulosos ordenados e que ninguem os chamou para o desempenho de inuteis funções!

O que, por exemplo, se está passando aí com o açucar é uma revoltantissima pouca vergonha, é um descaradissimo roubo que a autoridade consente, porque crusa os braços deante da extorsão infamissima que se está praticando com as necessidades publicas, com os desgraçados que, quasi exclusivamente, por motivo de saude, como consequencia de doença, não pódem dispensar o artigo.

E' sabido que ultimamente não tem chegado açucar; mas é tambem sabido que tal mercadoria está por aí sequestrada, vendendo-se as quantidades que dela sejam precisas, mas a dois escudos por cada quilo!!!

O açucar que se vendia de 60 a 80 centávos, subiu para 2 escudos! E não ha quem, em nome da lei, tome providencias e meta os gatunos na cadeia! Porque são positivamente gatunos os que, abusando da situação, levam o seu descoroçoamento a vender-nos açucar a dois escudos e mais!

Escusado será dizer que a mercadoria existente não está toda nos estabelecimentos que a vendem. Está alapardada em varios pontos, onde diariamente vão buscar a quantidade que precisam para vender durante o dia. Tudo isto é do dominio publico, mas a autoridade, a quem cabe o sagrado direito de evitar tanta ladroeira, ignora tudo, nada sabe!

E' Aveiro condenada á exploração mais infame e descarada sem ter quem a defenda.

O leite já está a 30 centávos o litro! Mas quem se importa com isso?

Nenhuma razão justifica este verdadeiro assalto á bolsa dos consumidores, que já o ano passado se efectuou, quando da terrivel epidemia bronco-pneumonica. Nenhuma. Mas, todavia, consente-se e se ámanhã os leiteiros deliberarem elevar mais o preço, por exemplo para 50, 60 ou 70 centávos, quem se importa com isso?

A carne subiu mais 10 centávos em quilo. Porquê? Pelo mesmo motivo que justifica a elevação do custo de todos os generos. Porque todo o dinheiro é pouco para os exploradores, para esses terriveis inimigos da sociedade.

Apezar dos nossos protestos, dos nossos avisos, das nossas petições, não se pôz côbro ao açambarcamento total e completo do feijão e da batata, sendo já exorbitantissimo os preços tambem de taes substancias alimenticias.

Sr. governador civil: em nome da população faminta, explorada desapiedada e deshumanamente por essa quadrilha de salteadores, comercialmente organisada, solicitâmos de v. ex.ª a sua intervenção no proposito de trazer ao povo os beneficios a que tem incontestavel direito, pelo menos aqueles que, sem duvida, possam resultar da sua acção directa e salutar.

Atenda-nos, sr. governador civil, que é o mesmo que dizer—acuda-nos!

Ou então, se vê que a sua permanencia aqui é prejudicial á sua vida e ao seu feitio, exonere-se e deixe o logar a quem se compenetre da missão que tem a desempenhar e das responsabilidades que lhe andam adstritas.

Pelo amor de Deus, não nos faça perder a paciencia.

Continuar o que está é a mais completa negação das funções inerentes ao cargo que v. ex.ª exerce neste distrito; continuar o que está é ter em pouca conta os protestos dos seus administrados, é desprezá-los, é não fazer caso deles e isso não consentiremos nós.

Por coisa alguma.

Portanto, sr. dr. Elisio de Castro, o dilema está posto—ou v. ex.ª cumpre os seus deveres, metendo na ordem os exploradores do povo, e está tudo muito bem, ou v. ex.ª se dá por impotente para os cumprir e o remedio é ir-se embora de vez.

Fartos de verbos de encher estâmos nós, está o país, que muito tem tolerado sem reagir contra os que o sugam, preparando-se, ao que se está vendo, para lhe chupar o ultimo tutano.

ILUMINAÇÃO PUBLICA

Está a impôr-se duma maneira inadiavel a iluminação, pelo menos, parcial da cidade.

Aproximam-se as noites invernosas e todos nós sabemos o que são essas ruas por ocasião de chuva, pejadas de covas, lamacentas, onde, sem a mais pequena claridade, nos atolamos irremediavelmente.

E' urgente, em nome de todos os interesses e necessidades publicas, que a actual vereação resolva, sem demora, este assunto que se impõe pela sua importancia.

Não podemos nem devemos passar outro inverno com todas as suas consequencias e imensos na mais profunda escuridão.

O "Desertas,,

—(*)—

Os trabalhos do seu salvamento honram a engenharia portuguêsa

Acompanhado com gravuras representativas dos diferentes aspectos observados durante os trabalhos de salvamento do grande vapor de carga, a *Ilustração Portuguêsa* publicou na segunda-feira um artigo devéras interessante para a historia deste navio prestes a voltar á sua faina antiga depois de tres anos de imobilidade forçada nos areiais da Costa Nova e que, transcrito no *Democrata*, servirá para elucidar tambem os nossos leitores sobre a grande obra a que fica ligado duma maneira iniludivel o nome da engenharia nacional.

Diz assim o seu autor, que, pelo visto, anda bem ao par do extraordinario empreendimento:

Quando em 23 de fevereiro de 1916 o governo português requisitou os navios alemães, encontrava-se no porto do Funchal o grande vapor *Hochfeld*, construido em 1895 nos estaleiros de Flensburg, de 3:689 toneladas brutas e 6:693m3 de capacidade de carga, com 112m,47 de comprimento, 12m,75 de largura e 7m,84 de calado, duas caldeiras de dupla frente e uma maquina de triplice expansão da potencia de 1:300 cavalos. Como a sua tripulação lhe tivesse causado avarias, foram estas reparadas sob a direcção do maquinista da marinha mercante *William* Lloyd e veio para o nosso porto, onde lhe foi dado o nome de *Desertas* e completou essas reparações, sendo então entregue á casa Torlades, como representante da Furness, no dia 9 de novembro desse ano.

No dia 15 saíu de Lisboa em lastro para Leixões, onde carregaria toros de pinheiro para Inglaterra, com bom tempo e mar chão, até ás 6 horas do dia 16, em que avistou o farol da Luz. Pairou essa noite fóra do porto, mas como depois das 16 horas o vento começasse a refrescar pelo S. W., carregando-se a atmosfera, ás 19 horas virou para fóra e correu para o mar com rumo S. W. para se afastar da costa. A's 18 horas do dia seguinte, com muito mar e vento fortissimo de W. S. *W.*, o navio começou a não obedecer ao leme, por a pressão nas caldeiras ser pouca—diz o comandante—e o pessoal de fogo estar todo enjoado. Içaram uma vela triangular, mas de nada serviu, tendo de virar para o sul, visto que era grande o caímento para a costa e o navio continuava a não obedecer ao leme.

A's 10,15 o 1.º maquinista comunicou que o condensador fazia má circulação, parando-se a maquina até ás 10,30. Mas o navio não obedecia. A's 14 avistaram o farol de Aveiro ao S. 4 S. E. magnetico, a 14 milhas, continuando o barco a caír para terra. Vendo que não montava a costa, fizeram sinais de socorro, com foguetões, fogachos e apitos constantes. A's 18,30 içaram os signaes de socorro imediato.

A's 19 horas, reunida toda a tripulação, foi-lhe comunicado que o navio não montava a costa, deliberando-se por acordo total, aproar o navio onde fôsse mais conveniente, para salvar as vidas, pois ele estava perdido.

Eram 20 horas quando se produziu o encalhe, 200 metros ao norte da Vagueira e a 4 milhas ao sul do farol de Aveiro.

Comunicado o caso para Inglaterra, vieram a Portugal, primeiro, o capitão Douglas e depois o capitão Shotten, os quaes manifestaram a opinião de que o salvamento do navio devia fazer-se pelo lado do mar, atravéz do banco de areia que existe ao longo da costa.

A vinda desses delegados levou, porêm, tempo, tendo-se deixado o navio abandonado á mercê do mar e dos habitantes das proximidades, que o saquearam. Os primeiros trabalhos foram morosos, aguardando-se a remessa de aparelhos de Inglaterra e pondo-se ao seu serviço o rebocador *Patrão Lopes*.

Em junho de 1917 surge um conflito entre o capitão Shotten, o comandante e o maquinista do navio, prolongando-se até que estes ultimos foram substituidos pelos srs. José Casimiro Rosario e Antonio Mendes Barata, que no seu relatorio verificaram nada se ter feito para salvar o *Desertas*.

As tentativas de salvamento sofreram uma nova demora, apesar de todas as instancias em contrario, vindo em novembro o snr. Portugal Durão dar

lhes um novo impulso, no intuito de salva-lo pelo mar, segundo a opinião dos delegados britanicos.

Mas foi sol de pouca dura. A revolução de dezembro inutilisou esses bons desejos, ninguem pensando mais em salvar o navio.

Em 22 de janeiro de 1918 um telegrama comunicava que o porão fôra arrombado da terceira coberta para baixo, mas isso em nada alarmou as entidades oficiaes. No dia seguinte, sendo comandante do navio o snr. Jorge Camacho e maquinista o snr. Ernesto Santiago, foram abordados pelo delegado inglez Douglas, que queria que o navio fôsse entregue á *Salvage Assotiation of London*, visto que estava perdido por completo e devia, por isso, começar a desmanchar-se. Aqueles distintos oficiaes recusaram-se, porêm, a entrega-lo, aguardando a chegada do delegado dos Transportes do Estado, snr. Barata.

Em principios de fevereiro, sendo ministro do Trabalho o capitão snr. Feliciano da Costa, foi ali com os snrs. Mendes Barata e Brito do Rio, repetindo os ingleses que o *Desertas* estava perdido. O ministro consultou o sr. Barata, que foi de opinião que o navio se salvava, desde que se quizesse gastar dinheiro, concordando aquele e pondo á sua disposição todos os elementos de que carecesse para esse efeito e autorisando a cedencia da draga *Mondego*, de Viana do Castelo.

Começa aqui a grande e formidavel odisseia. A burocracia, o pessimo serviço de transportes, a papelada, as grêves, as revoluções, tudo se conluiou para cançar a paciencia e exgotar a boa vontade dos ilustres marinheiros que meteram ombros á rude tarefa do salvamento.

O que o sr. Barata nos contou é de estarrecer. Não vale a pena repeti-lo aqui, bastando que se diga que as ferramentas enviadas para Aveiro raro chegavam ao seu destino e que a cedencia da draga *Mondego* foi uma tragedia superior a quantas se conhecem, a tal ponto que, podendo o navio ter saído para o mar em agosto de 1918, só daqui a dois mezes o fará.

Todos os dias, a todas as horas surgiam contratempos e contrariedades, sofrendo-se dissabores de toda a especie.

Apesar de tudo, a faina iniciou-se em seguida á autorisação ministerial, começando homens e mulheres a retirar a areia de volta do navio e a cólocar estacaria, para melhorar a sua situação.

Só, porêm, em 1 de junho de 1918 póde iniciar-se a abertura do canal, que ligaria o navio com a ria, pois o sr. Barata foi de opinião de que o salvamento não podia fazer-se pelo mar, devendo meter-se o *Desertas* pela terra dentro até alcançar a ria, ao longo da qual ganharia depois a barra de Aveiro.

A tentativa era arrojada, mas confiava-se no seu exito. O valor do navio orçava então por 1:200 contos. Valia a pena salva-lo.

Orçada a despêsa provavel dos trabalhos a realisar, verificou-se que ela não iria alêm de 300 contos, dando assim o salvamento um saldo positivo e imediato de 900 contos.

Mãos á obra, pois. Com boa vontade da parte de todos, o *Desertas* continuaria a navegar, contribuindo para a vitória dos aliados.

A despêsa diaria com a draga *Mondego* foi orçada em 483$00, gastando-se mensalmente com o pessoal 910$00.

O canal seria do comprimento de 900 metros, com 30 de largura, para o que seria necessario dragar 360:000m3 de areia. Calculando se uma dragagem aproximada de 4:800m3 por dia, o canal estaria aberto no praso de 75 dias.

A abertura do canal custaria 64:722$, com uma despêsa diaria de 483$00.

A despêsa total seria, pouco mais ou menos, a seguinte:

Dragagem do canal	64:722$00
» na ria	4:830$00
Trabalhos em terra e a bordo	18:000$00
Despêsa com o pessoal durante 5 mezes a 2:000$00 por mez	10:000$00
Pessoal extraordinario....	12:000$00
Abertura de uma ponte e colocação da definitiva..	6:000$00
Soma..........	115:552$00

Reparação do rombo......	90:000$00
» das caldeiras e chaminé	38:000$00
Reparação dos guinchos e molinete	6:600$00
Reparação das instalações eletricas.............	8:000$00
Outras despêsas.........	18:000$00
Soma............	160:600$00

ORÇAMENTO TOTAL

Para tirar o navio.......	115:552$00
Reparações	160:600$00
Imprevistos	23:350$00
Soma total.......	298:502$00

Os 300 contos a que acima nos referimos. Os calculos, porêm, falharam, a favor e contra o Estado. A *Mondego* chegou a dragar 300m por hora, mas em vez das 3,5 toneladas de carvão que lhe estavam arbitradas por dia e se pagavam a 100$00 a tonelada, chegou a consumir 6 e 7. E, a par dos que a burocracia originou, outros contratempos surgiram: o violento temporal que rebentou em 20 de setembro daquele ano (1918) e inutilisou em grandissima parte os trabalhos já realisados da abertura do canal, e a necessidade de dragar a ria em consideraveis extensões, para que o navio podesse navegar. Aquele poderia ter-se evitado, se os serviços oficiaes e ferro-viários, as revoluções e as demoras burocraticas o tivessem querido, pois quando o temporal rebentou, o navio estaria já no mar.

O trabalho nesse momento foi brutal, conseguindo os trabalhadores construir uma barreira em 7 horas, para evitar nova invasão do canal. E quatro dias depois do praso marcado para a abertura do canal estabelecia-se a ligação com a ria, *malgré tout*. Aquele construira-se, pois, em 79 dias. Em 4 de novembro de 1918 estava de novo restabelecida a ligação da bacia do navio com o canal e no dia 9 do mesmo mez começava o *Desertas* a entrar nele.

Deu-se ainda uma nova invasão do mar, que destruiu uma barreira, mas o prejuizo reparou-se.

Até hoje o *Desertas* percorreu já cêrca de 4 quilometros, faltando-lhe ainda aproximadamente 2 quilometros para chegar á barra, o que fará, segundo o calculo do sr. Mendes Barata, em menos de dois mezes. Ainda ha dias se recebeu em Lisboa comunicação de um avanço de 200 metros.

A rude labuta de trabalhadores e marinheiros está a findar.

A engenharia portuguêsa ficará tendo no salvamento do *Desertas* um dos seus actos mais brilhantes, honrando-a aos olhos de toda a gente. Quando todos supunham o *Desertas* perdido para sempre, um ilustre engenheiro português, o sr. Antonio Mendes Barata, entrega-o ao seu país são e salvo, pronto a receber no seu formidavel arcaboiço as mercadorias indispensaveis para o governo da nação, levando a toda a parte no alto dos seus mastros a bandeira de Portugal.

Mario Salgueiro

João Rosa

Na ultima quarta-feira, 29, passou o primeiro aniversario do falecimento do nosso bom amigo João Rosa, distinto empregado na repartição dos correios e telegrafos desta cidade.

Compunge-nos a mesma dôr e a mesma saudade de que nos sentimentos invadidos quando, defrontados com a dolorosa realidade, tivemos, ha um ano, de registar nestas colunas, a tristissima e desgraçada fatalidade, que ao mesmo tempo que nos levava o amigo querido, o republicano intangivel nos seus principios e nos seus sentimentos, deixava nas mais pungentes circunstancias uma familia numerosa onde ficaram orfãos, viuva e uma mãe velhinha e tremula que assistia ao espectaculo que ela nem sequer, por louca hipotese, fantasiára, de vêr caír sobre o cadaver querido do filho, a pedra tumular!

Recordando no nosso espirito a triste data, cumprimos apenas o indeclinavel dever de acordar entre a familia republicana o nome saudoso e querido de um dos nossos mais sinceros e dedicados companheiros de tanta luta, de tanta amargura e de tanta esperança.

Medidas severas

—=(*)=—

Telegrafam da Basileia que os empregados dos transportes e o pessoal dos correios e telegrafos de Heldelberg, decidiram adoptar medidas severissimas contra os especuladores e açambarcadores.

Uma comissão está encarregada de inspecionar a correspondencia; nenhuma carta, nenhum telegrama que trate de açambarcamento e nenhuma mercadoria açambarcada serão expedidas.

O *Francfurther Zeitung*, que é o jornal que dá esta noticia, observa que aquelas medidas não são mais que um dos numerosos sintomas da exasperação publica contra a especulação sobre os generos alimenticios.

Cá, pela Parvonia... Iamos a dizer que cá pela Parvonia de ha muito que semilhantes *medidas severissimas* estão adoptadas pelos caminhos de ferro, telegrafos e correios. Com a diferença de que são de aplicação geral: qualquer faz uma expedição, mas não chega ao seu destino; envia uma carta, mas não aproveita por falta de entrega a tempo e se expede um telegrama, sujeita-se a que siga pelo correio... 48 horas depois da sua apresentação!

Se este estado de cousas fôsse, em exclusivo, para os açambarcadores, isso seria uma mina. Mas não sucede assim porque todos nós sômos submetidos ás mesmas... *medidas severissimas*.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Notas mundanas

Teve a sua délivrance, dando á luz uma creança do sexo masculino, a esposa do distinto clinico, snr. dr. José Vieira Gamelas, a quem felicitâmos, bem como ao avô do neofito, o nosso excelente amigo e velho correligionario, José Gonçalves Gamelas.

== *Egualmente mimoseou seu marido com um robusto pimpolho, a esposa do conceituado negociante da nossa praça, sr. Manuel Maria Moreira.*

Muitos parabens.

== *Encontra-se grávemente enfermo o sr. Domingos José dos Santos Leite, que tem sido visitado por alguns medicos de fóra, entre eles o snr. dr. Belo de Moraes.*

== *Regressou da Curia á sua casa de Requeixo, o sr. Atanazio de Carvalho.*

== *Em comissão de serviço, está nesta cidade o snr. Eduardo Miranda, secretario de Finanças.*

== *Veio a Aveiro e deu-nos o prazer da sua visita, o sr. João Carlos Moreira da Silva, farmaceutico em Mira.*

"Glorias de Ilhavo,,

Acabamos de receber um numero unico, editado pela *Pleiade Ilhavense*, onde várias individualidades daquele meio prestam homenagem ao arcebispo Bilhano, consagrando-lhe as virtudes, o talento e a sua grande obra toda de paz e amor.

Agradecemos.

Todo aquele que não educar a adolescencia e a mocidade na *escola da necessidade e da dificuldade* **não será um bom educador. Se fôr pae, será vitima do seu erro; o seu filho não corresponderá ao seu desejo.**

Alexandre Herculano

CARTA

—=(*)=—

Recebemos a que se segue:

... Sr. Redactor do jornal O Democrata:

No dia 19 do corrente mez, quando teve logar a sessão soléne na Câmara Municipal para a entrega das insignias da Torre e Espada com que fôra distinguida esta cidade, o sr. presidente do Senado referiu, no discurso que leu, um facto passado quando do movimento monarquico de janeiro, atribuindo-o á autoria de quem o não praticou. Evidentemente não restabeleço a verdade para que dela resulte para mim qualquer proveito. Sou suficientemente humilde para que tal não suceda, acrescendo ainda a circunstancia, que preciso registar, de que todos os actos por mim praticados em defêsa da Republica, são apenas inspirados pela muita dedicação e crença que tenho por esse Ideal.

Contudo—a César o que é de César.

No dia 20 de janeiro, após a proclamação da monarquia no Porto, parti de Aveiro, em automovel, acompanhando os srs. dr. José de Lemos, José Aidos e José Couceiro da Costa, com destino á proxima vila de Albergaria-a-Velha, que fui encontrar em aspecto festivo de regosijo publico pelo facto sucedido, estando no edificio da Câmara Municipal desfraldada ao vento uma bondeira monarquica—azul e branca.

Desesperado com a provocação, pedi uma navalha a um republicano, individuo que sei ser do Sobreiro, mas do qual não colhi o nome, e assim armado, para evitar demoras na operação, subi ao edificio, e, dum golpe, cortei a adriça que sustentava a bandeira, que logo rasguei, lançando os pedaços para o povo que, surpreso, no meio do largo, assistia ao espectaculo, que fôra coroado com repetidos vivas á Republica.

São testemunhas do facto os meus companheiros de viagem, que me não desmentirão, decerto, incluindo o proprio sr. José Couceiro da Costa, citado pelo sr. Tavares, incontestavelmente por erro de informação, quero crê-lo.

Pela inserção destas linhas, muito lhe agradece, o que é

De V.

amigo e correligionario

Aveiro, 25—X—1919.

Eugenio Teixeira Araujo Guimarães

Distribuidor de 1.ª classe do correio de Aveiro

Siga-se o exemplo!
Castiguem-se os exploradores!

Com data de 28 de Outubro, transmitem de París:

O oitavo tribunal correcional condenou o sr. Thime, por especulação ilicita em queijos, em 8 dias de prisão e 400 francos de multa. Condenou o sr. Constant Bossé em quinze dias de prisão e 500 francos de multa por especulação e açambarcamento de sabões. Condenou ainda os snrs. Albert Brun e Charles Lehsen, em 3:000 francos cada um, por especulação com manteigas.

Este exemplo da França precisa ser seguido, precisa ser imitado pelas autoridades portuguêsas.

Vâmos! A caça aos especuladores impõe-se e nós não sômos exigentes—só queremos que se cumpram as leis.

CANZOADA

As ruas da cidade regorgitam de cães vadios e doutros que os seus donos, com a maior indiferença e ignorancia, abandonam tambem, na contingencia de lhe aparecerem em casa hidrofobos.

E', sem duvida, um grande perigo para a população, mas só depois de alguma desgraça cuidar-se-á de adoptar as providencias que aqui, por mais duma vez, temos pedido e pelas quais novamente instamos.

O remedio é facil.

Mas quem se importa, quem quer saber disso nesta Veneza lusitana?

Falta de trocos

De ha muito que no comercio se faz sentir este mal e que se não é tão gráve como o açambarcamento das subsistencias, causa, contuda, enormes prejuizos que se torna necessario evitar.

Mas para onde irá o dinheiro amoedado, não nos dirão?

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Osorio*.

NECROLOGÍA

Em Albergaria-a-Nova, para onde ultimamente fôra em procura de alivios ao seu doloroso sofrimento, faleceu nos ultimos dias do mez findo, a snr.ª D. Laura Ferreira de Carvalho, de 30 anos, esposa do sr. Artur Vieirade Carvalho.

A finada, possuidora das mais elevadas virtudes, era filha do sr. Patricio Inácio Ferreira, que muitos anos viveu entre nós, e irmã dos nossos amigos Jaime e Gaspar Ferreira.

A toda a familia enlutada, a expressão do nosso pezar.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 27 de Outubro

Na sexta-feira passada, pelas 11 horas, duas crianças, uma de 3 anos e outra de 2, andavam a brincar junto dum poço. Os pequenos, que eram primos, caíram dentro dele e, quando deram pela sua falta, foram encontra-los no fundo, abraçados. O funeral teve lugar ontem, e foi muito concorrido.

—— Hoje tambem foi sepultado o snr. João Maria da Silva, de 74 anos, ferreiro, vitimado por uma infecção.

A todos os doridos os nossos pêsames.

—— Não se encontra por aqui açucar á venda. Nem para os doentes!!! O milho continua a 3$00 e mais, cada medida de 20 litros.

C.